

# EXTENSÃO NO NORTE DE MINAS GERAIS: O ICA/UFMG

Extension in the north of Minas Gerais: the o ICA/UFMG

Edna Lucia Gelmini<sup>1</sup>

Hélder dos Anjos Augusto<sup>2</sup>

Alex Fabiani de Brito Torres<sup>3</sup>

**RESUMO:** As universidades, por meio da extensão, desempenham um papel importante no desenvolvimento do país. Neste ambiente colocam à disposição da sociedade ativos determinantes e valiosos para o progresso e sustentabilidade das regiões onde elas estão inseridas. Diante disso, este trabalho tem como objetivo descrever as possíveis contribuições do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais (ICA/UFMG) para o desenvolvimento da região Norte de Minas Gerais, por meio da extensão universitária, no período de 2008 a 2017. Trata-se de um estudo de caso com caráter descritivo-interpretativo, bem como a adoção de técnicas de entrevistas estruturadas, semiestruturadas, pesquisa documental e observação participante. Este procedimento ajudou na discussão e no entendimento das conexões entre o ICA e os segmentos sociais, descrevendo algumas das suas ações. O estudo sugere que a interiorização da UFMG, via ICA, constitui um elo importante de aproximação entre uma instituição pública federal de ensino e a sociedade civil representada, em grande maioria, pelos agricultores da região. O ICA/UFMG desempenha um papel crucial na criação de condições para adequação das práticas dos agricultores e de outros empreendedores da região, dinamizam a economia regional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Extensão, desenvolvimento, ICA/UFMG, demandas sociais.

**ABSTRACT:** Universities, through extension, play an important role in the country's development. In this environment, they make available to society determinant and valuable assets for the progress and sustainability of the regions where they operate. Therefore, this paper aims to describe the possible contributions of the Institute of Agrarian Sciences of the Federal University of Minas Gerais (ICA / UFMG) to the development of the northern region of Minas Gerais, through university extension, from 2008 to 2017. This is a descriptive and interpretative case study, as well as the adoption of structured, semi-structured interview techniques, documentary research and participant observation. This procedure helped in the discussion and understanding of

---

1 Graduação: Administração/UFMG; Especializações: Gestão da Informação/UFMG; Gestão estratégica/UFMG. Mestrado: Sociedade, Ambiente e Território/UFMG. edna\_gelmini@yahoo.com.br

2 Graduação: Administração Rural/UFLA; Mestrado: Administração Rural/UFLA; Doutorado: Demografia/UFMG. Docente da UFMG. mozambique@bol.com.br

3 Graduação: Letras/ Fundação Norte Mineira de Ensino Superior, hoje UNIMONTES ; Mestrado: Extensão Rural/ Universidade Federal de Viçosa; Doutorado: Estudos Linguísticos/Universidade Federal de Minas Gerais. afbtorres@bol.com.br

the connections between ICA and the social segments, describing some of its actions. The study suggests that the internalization of UFMG via ICA is an important link between a federal public educational institution and civil society represented, in large part, by farmers in the region. ICA / UFMG plays a crucial role in creating the conditions to adapt the practices of farmers and other entrepreneurs in the region, boosting the regional.

**KEYWORDS:** Extension, development, ICA / UFMG, social demands.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, ao abordar a relação universidade-sociedade, tem-se evidenciado, muitas vezes, o distanciamento entre essas duas instituições (Botomé, 1996; Carneiro, 1986; Freire, 1979; Torres, 2003 e 2017). Torres (2017) ao analisar o discurso sobre esse distanciamento, denomina-o de imaginário sociodiscursivo da torre de marfim. Fagundes (1986) diverge da ideia desse distanciamento, por entender que ela apresenta o princípio da neutralidade, por parte da universidade, ou seja, a universidade não atenderia a ninguém. Esse distanciamento entre a universidade e a sociedade é denunciado há muito tempo no mundo, a partir da Idade Média.

Outro aspecto que se coloca para a universidade é a sua relação com o Estado. Santos (2011), ao analisar os problemas enfrentados pelas universidades públicas na passagem do século XX para o século XXI, identifica três tipos de crise: da hegemonia, da legitimidade e institucional. Este artigo dará ênfase a crise institucional.

Segundo Santos (2011), nessas três crises, apesar de estarem interligadas e terem que ser enfrentadas em conjunto por meio de ações internas e externas à Universidade, há preponderância da crise institucional sobre as demais. A crise institucional é resultante da contradição entre a autonomia universitária e a pressão crescente para submeter a universidade “[...] a critérios de eficácia e de produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social” (Santos, 2011, p. 10).

Conforme Santos (2011), a crise institucional teve como característica principal a crise financeira, ou seja, a universidade pública perde o seu status de bem público produzido pelo Estado. Segundo o autor, essa perda de prioridade da universidade pública advém da própria postura neoliberalista do Estado em relação às políticas públicas direcionadas para as políticas sociais, postura embasada no modelo de capitalismo que se estabeleceu a partir da década de 1980. Esse autor denomina o fenômeno como “mercadorização da universidade”.

Dias Sobrinho (2013) confirma a ocorrência dessa situação e destaca que essa visão neoliberal da educação a coloca como mero serviço de mercado sujeito a lógica capitalista de interesses simplesmente econômicos.

Chauí (2003) caracteriza a universidade hoje como operacional. Essa autora acredita que a ciência passou a atender aos interesses do capital, transformando a universidade numa organização operacional. Essa transformação, juntamente com o avanço das tecnologias no que se refere ao fluxo de informação, fez surgir a sociedade do co-

nhcimento, onde ocorre o “[...] uso intensivo e competitivo dos conhecimentos [...]” (Chauí, 2003, p.8), reproduzindo uma lógica capitalista, onde a universidade produz conhecimento como “mercadoria”.

Alguns autores destacam a existência de um cenário de crises e desafios a ser enfrentado pela Universidade. Chauí (2003), Santos (2011) e Dias Sobrinho (2013) concebem a educação como um bem público, portanto não é mercadoria de venda. Ao que parece a reforma da universidade como bem público tem um significado que transcende em muito a universidade. É verdadeiramente um teste no ambiente de controle público do Estado e aos caminhos da reforma democrática do Estado.

Percebe-se, nestes autores, que a atuação da universidade no mercado globalizado tem atendido mais às exigências do capitalismo, excluindo as demandas sociais. Dessa forma, faz-se importante verificar se as ações extensionistas desenvolvidas pelo ICA/UFMG estão nessa lógica ou atendem às demandas sociais, promovendo o desenvolvimento regional do Norte de Minas Gerais, democratizando o acesso e inclusão dos saberes tradicionais e promovendo o compartilhamento dos conhecimentos científicos e não científicos.

A universidade é um ator relevante, ao considerarmos que, enquanto instituição, ela deve exercer um papel de mediadora entre as várias relações de interação com o capital social dentro do território em prol do desenvolvimento da sociedade, além de criar e disseminar conhecimento. Esse papel é desempenhado por meio de suas funções clássicas, isto é, o ensino, a pesquisa e a extensão.

A extensão universitária parece ser a função clássica da Universidade que mais tem merecido a atenção dos pesquisadores nas duas últimas décadas do século XX e na primeira década do século XXI. Isso se deve talvez pelo fato de a extensão universitária ser a mais recente das funções clássicas da Universidade e a que mais interage com a sociedade.

Não há consenso, na literatura corrente, sobre a relação extensão – desenvolvimento: alguns autores como, por exemplo, Fagundes (1986), Botomé (1986), Gonçalves (2015) e o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2001) admitem que a extensão universitária promove o desenvolvimento; Carneiro (1985), não. Constata-se, portanto, uma variação. Grande parte desses estudos utilizou como metodologia, principalmente, a análise dos relatórios de atividades de extensão elaborados pelas universidades.

Nesse contexto, este artigo tem como pretensão analisar as possíveis contribuições do Instituto de Ciências Agrárias para o desenvolvimento da região Norte de Minas Gerais, por meio da extensão universitária. Trata-se de uma análise dos trabalhos e das ações desenvolvidas por essa unidade acadêmica, ao desempenhar as suas atividades de extensão, principalmente, e as suas implicações no desenvolvimento regional.

Partiu-se, então, para a identificação e a caracterização das diferentes atividades de extensão que fundamentam os contributos do ICA/UFMG no desenvolvimento regional norte mineiro, além da análise da relevância das conexões entre o ICA e os seg-

mentos sociais, descrevendo algumas ações que permitam ilustrar as especificidades que promovem esse desenvolvimento. Para ICA/UFMG o conceito de extensão universitária segue “o princípio constitucional de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade”, estabelecido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX).

Diante disso, procurou-se observar nas experiências e nas entrevistas, as ações de extensão do ICA/UFMG na região Norte de Minas Gerais, no período de 2008 a 2017, refletindo, por um lado, a universidade, fundamental na mediação da esfera técnico-científica, e o mundo social, por outro, identificando a ocorrência do desenvolvimento.

Importante ressaltar que o conceito de desenvolvimento não envolve somente questões econômicas, mas engloba os aspectos sociais, culturais e ambientais. Numa breve revisão dos conceitos de desenvolvimento, na visão dos autores (Abramovay, 2000; Cavalcanti, 2012; Furtado, 1990; Nascimento, 2012; Ortega, 2008; Romeiro, 2012), percebe-se que são várias as posições teóricas. Alguns autores dialogam entre si; outros apresentam discordâncias. Inclusive a construção do próprio conceito de desenvolvimento é complexa, visto que, ao longo do tempo, a base conceitual se revestiu de vários aspectos na tentativa de afirmar tal conceito como gerador de qualidade de vida, bem-estar social, inferindo, primordialmente, que o crescimento econômico é inerente ao desenvolvimento, mesmo que agregado a considerações mais amplas e socialmente mais adequado à aplicação das políticas públicas governamentais, bem como aos interesses das forças capitalistas.

Neste artigo será trabalhado o conceito de desenvolvimento regional, abrangendo a atuação do capital social e as interações da universidade com os diferentes segmentos sociais inseridos dentro e fora da Região Norte de Minas Gerais. Nesta perspectiva, o ICA/UFMG, atuando por meio da extensão, tem o papel de fortalecer as relações sociais, constituir novas e melhores realidades, contribuindo com redução das desigualdades e promovendo o desenvolvimento regional.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa se configura como um estudo de caso. Trata-se de uma categoria de pesquisa cujo objetivo é a unidade que se analisa de forma mais profunda. Triviños (1987, p. 110) admite que:

“O foco essencial desses estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços, características, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, os problemas do analfabetismo, e desnutrição, as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas dos adolescentes etc.”.

Assim, entende-se que uma das unidades de análise é o ICA/UFMG, enquanto instituição. Entretanto, considerando a sua relação com o desenvolvimento no Norte de Minas Gerais, tanto interna como externamente, são também unidades de análise: egressos, parceiros, discentes, docentes, coordenadores de cursos, coordenadores de extensão, pesquisadores, parceiros e a própria sociedade.

Ainda, de acordo com Yin (2001), constitui-se como um estudo de caso, pois este é tido como o método mais adequado quando se pretende analisar um determinado fenômeno em uma ou mais organizações. Nesse sentido a pesquisa analisa fenômenos contemporâneos dentro de um contexto, utilizando-se evidências tanto qualitativas quanto quantitativas.

De acordo com Triviños (1987), o estudo de caso é um dos tipos mais relevantes de pesquisa qualitativa. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se como instrumental a entrevista estruturada. Em conformidade com Triviños (1987), esse tipo de entrevista é fechado. Também de acordo com Minayo (2004), a pesquisa qualitativa é apropriada para fatos que questionam sobre uma determinada realidade e que possuem uma relação histórica, refletindo “[...] posições frente à realidade, momento do desenvolvimento e da dinâmica social, preocupações de classes e de grupos determinados” (Minayo, 2004, p. 23).

Utilizou-se, ainda, a entrevista semiestruturada, que permite manter “[...] a presença consciente e atuante do pesquisador” e ao mesmo tempo permite a relevância da situação do ator. Esse traço da entrevista semiestruturada (...) favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade (Triviños, 1987, p.152).

Assim, para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas estruturadas, semiestruturadas, questionários e visita de campo. Foi realizada a interrogação direta dos atores sociais, por meio de visita de campo, utilizando como instrumento de pesquisa qualitativa as entrevistas estruturadas. Assim, foram utilizados o questionário e a visita de campo para a entrevista com os parceiros do ICA/UFMG e recebedores da extensão. No caso dos egressos, foram utilizados questionários enviados por meio eletrônico, por estarem em seus locais de trabalho e/ou estudo, alguns se encontravam fora do país

O questionário foi enviado para quinze egressos e somente cinco egressos responderam. Trata-se de uma limitação da pesquisa. Parece que a universidade não faz o monitoramento dos alunos egressos. Dessa forma, a entrevistada foi realizada de forma aleatória, por indicação de alguns docentes do ICA/UFMG.

Com relação aos parceiros, o Instituto possui várias parcerias. Esses parceiros foram identificados na pesquisa documental, onde constava a parceria do ICA, em várias ações de extensão, com outras instituições. Desses parceiros, responderam à entrevista estruturada quatro parceiros.

No caso dos recebedores da extensão universitária, foram realizadas quatro entrevistas, em visita de campo, com agricultores familiares que estavam participando

de ações de extensão do ICA/UFMG.

Para os atores do Instituto de Ciências Agrárias, utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada permite um esforço do entrevistador de se colocar na situação do outro, além de oferecer “[...] todas as perspectivas possíveis para que as informações alcancem a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação” (Triviños, 1987, p. 146).

Foram solicitadas entrevistas semiestruturadas com os gestores administrativos da UFMG e do ICA, pró-reitora de extensão, coordenadores de projetos de extensão, servidores docentes e técnico-administrativos. Nesse sentido, uma entrevista com a gestora da UFMG (Pró-Reitora de Extensão); quatro coordenadores de extensão, três docentes pesquisadores, seis servidores técnicos, num total de quatorze atores da UFMG.

Para fins de coleta de dados secundária, adotou-se a análise documental, em que, de acordo com Yin (2001), é importante utilizar várias fontes de evidências nos estudos de caso. As análises envolveram documentos disponíveis nos arquivos da direção do ICA e na administração da UFMG: relatórios de gestão (Relatórios de Gestão do reitor da UFMG: 2006-2010; 2010-2014; 2014-2018; Relatório do Perfil das ações de extensão da UFMG em algumas unidades, 2014, Pró-Reitoria de Extensão; Relatório de Gestão do ICA, 2014-2016), relatórios de extensão disponíveis na UFMG, Sistema de Informação da Extensão da UFMG, reportagens do Boletim da UFMG e de site institucional ([www.ufmg.br](http://www.ufmg.br)).

Para a análise das entrevistas e análise documental, foi utilizada a aplicação da técnica de análise de conteúdo, que, de acordo com Bardin (1974), tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo a informação, ou seja, compreender a informação, mas também, estar atento a outras significações, outro sentido que ela pode estar transmitindo.

Além das entrevistas, foram realizadas algumas visitas técnicas às áreas de atuação do ICA: Fazenda Experimental, propriedade dos agricultores familiares e de fazendeiros e os assentamentos da região, onde foi possível verificar quais ações de extensão são realizadas, onde, quais operações e o impacto disso no território.

## RESULTADOS

Após a análise da documentação levantada, das entrevistas realizadas e dos questionários aplicados, optou-se por categorizar as seguintes temáticas: concepções de extensão universitária; percepção dos envolvidos com as ações de extensão no ICA/UFMG; ações desenvolvidas pelo Instituto de Ciências Agrárias, que envolvem extensão, em articulação com a pesquisa e o ensino; os parceiros do Instituto de Ciências Agrárias e evolução da extensão no período de 2008 a 2017.

## Concepções de extensão universitária e o desenvolvimento

Mediante a análise das entrevistas, verificou-se a existência de várias concepções de extensão universitária: uma primeira concepção corrobora os estudos de Freire (2000), que a considera invasão cultural; de Carneiro (1985), que a chama de acadêmismo e de Torres (2003), o qual entende como caráter difusionista da extensão universitária pública brasileira.

Sobre a intervenção pública nas ações de desenvolvimento local, o Entrevistado nº 10, coordenador de projeto de extensão, apresenta sua opinião sobre o contexto federal, estadual e municipal. Na sua visão, as formas de participação são diferenciadas, e o grande gargalo está no poder público municipal: “Olha o poder público funciona o Estado, que nos apoia com projetos. O governo federal é com bolsas para os alunos e projetos. As prefeituras é onde nós temos mais dificuldades” (Entrevista nº 10, 218). Para esse entrevistado, são vários os problemas enfrentados com o poder público municipal: políticas eleitoreiras, falta de visão empreendedora, dentre outros.

O Entrevistado nº 4 ressalta, na extensão universitária, a relação com os atores locais e a existência de dificuldades que advêm da pluralidade desses atores, principalmente os atores do poder público municipal na elaboração de políticas públicas do Norte de Minas Gerais. O Entrevistado nº 4 elenca ações extensionistas, que tiveram a participação da UFMG e que foram relevantes para região, tendo contribuído com o desenvolvimento (o Projeto de aterro sanitário e o Projeto da Mini Fazenda e a questão referente ao gerenciamento de resíduos sólidos). Esse entrevistado faz observações sobre a interação universidade e comunidade, e admite a necessidade de o docente que faz a extensão universitária ser mais valorizado.

## Percepção dos envolvidos com as ações de extensão universitária no ICA/UFMG

A análise da Entrevistada nº 2 esclarece e evidencia os envolvidos em um cursinho pré-vestibular, grande projeto de extensão iniciado no ICA; “[...] Outros cursos que estão tendo, são com a formação do cursinho pré-vestibular, pré-Enem” (Entrevista nº 2, 2018).

Já o Entrevistado nº 8 relatou, especificamente, sobre o seu envolvimento com a extensão universitária, ressaltando o destaque do ICA/UFMG. “Bom, na parte de extensão, eu fui coordenador de extensão sete anos aqui no Instituto. [...] Na UFMG, o ICA é o campeão na extensão [...]” (Entrevistada nº 8).

A Entrevistada nº 7 admite a importância do programa de extensão:

“Na parte de extensão, a gente tem um programa muito forte (...) Então, envolve tanto os alunos da graduação, quanto do mestrado nesse programa de extensão. (...) A gente teve uma aluna chamada Sueli, que é técnica extensionista na região. Ela veio dessa demanda, ela veio com problema específico e desenvolveu a dissertação dela em cima disso (...) Então, a gente tem muito dessas demandas que vêm da região.” (Entrevista nº 8, 2018).

A Entrevistada nº 11 afirma que a sua carreira estudantil foi sempre relacionada com as ações extensionistas oferecidas pelo ICA/UFMG e que essas contribuíram não só para a sua formação, como também para as demandas sociais. Essa egressa acredita em projetos que tenham continuidade, que permitam criar vínculos onde as pessoas, a sociedade se sente parte da Universidade. Ela destaca a relevância dos projetos permanentes: “Acho que tem várias naturezas de projetos. Agora quando ele é permanente, isso, sim, passa a ser parte, cria-se um vínculo de tal ordem que quem está sendo atendido, ele se sente parte da universidade” (Entrevista nº 11).

De acordo com a Entrevistada nº 3, apesar de haver recursos governamentais direcionados para a extensão universitária, esses não são suficientes, e, muitas vezes, há procedimentos burocráticos que dificultam a sua aplicação. A demora no recebimento dos recursos e sua vinculação a despesas específicas, que nem sempre atendem às reais demandas da prática extensionista, é um dificultador. Sobre a ausência de recursos para ações, como deslocamento e alimentação a entrevistada comenta: “[...] Então, a dificuldade era o quê? Deslocamento, era um lanche.” (Entrevista nº 3, 2018)

O Entrevistado nº 14 ressaltou as ações de extensão universitária, principalmente cursos do Norte de Minas Gerais, e acredita que a formação, principalmente na área agropecuária, ainda não é satisfatória. Há uma crítica, por parte do entrevistado, em relação ao público atendido pelo ICA ficar limitado, na sua visão, a assentamentos, a pequenos produtores e à agricultura familiar. A opinião do entrevistado evidencia que há necessidade também de desenvolver trabalhos de extensão universitária com os médios e grandes produtores, trazer esse segmento para dentro do instituto.

### Programas desenvolvidos pelo Instituto de Ciências Agrárias, que envolvem ações de extensão, em articulação com a pesquisa e o ensino

O Programa de Desenvolvimento Rural e Apoio à Reforma Agrária (PRODERA) nasce da necessidade e da articulação entre várias ações relacionadas ao desenvolvimento rural e ao apoio à reforma agrária. Ações essas como projetos de pesquisa, de extensão universitária e desenvolvimento de trabalho voluntário nas áreas de reforma agrária, principalmente nos acampamentos e nos assentamentos do MST, e em outras comunidades rurais da região Norte de Minas Gerais. A sua origem veio da integração de estudantes aos movimentos estudantis ou simpatizantes com a realidade do campo brasileiro, de um lado, e a formação profissional adotada na universidade brasileira, de outro.

Nesse sentido, percebe-se que o programa, além de buscar a interação entre a universidade e as comunidades rurais, movimento sociais, no processo de democratização da questão agrária, social, política econômica e educacional brasileira, procura contribuir para o desenvolvimento do norte de Minas Gerais.

A Entrevistada nº 14, egressa do ICA/UFMG, resalta “[...] que os trabalhos desenvolvidos pelo PRODERA nos assentamentos têm levado inovações para as associações

rurais” (Entrevista nº 14), contribuindo para entender melhor a região, além de contribuir para o seu crescimento profissional.

O Programa de apoio a agricultores familiares do Norte de Minas Gerais em atividades de produção higiene e saúde pública tem os seguintes objetivos: fortalecer a agricultura familiar no Norte de Minas Gerais, atuando sobre a eficiência produtiva e reprodutiva dos rebanhos leiteiros da região; contribuir para adequação de agricultores familiares produtores de alimentos aos programas PNAE e PAA (SIEX/UFMG, 2018).

O sítio do Saluzinho é um projeto que acontece com agricultores, professores, alunos e técnicos do ICA ministrando oficinas para estudantes do ensino fundamental. O espaço conta com casa, pomar, horta, lavoura e instalações para recepção de visitantes, reproduzindo o ambiente de uma pequena unidade familiar de produção.

O Entrevistado nº 15, egresso do ICA, que realizou trabalho de extensão, ressalta que “[...] exemplo do Sítio do Saluzinho, um trabalho fantástico para a sociedade no Norte de Minas Gerais”. O espaço reflete a sociedade antes dos processos de modernidade ou da urbanização (Entrevista nº 15, 2018).

Durante conversa com uma agricultora urbana, a qual desenvolve atividade no local, evidencia-se o seu envolvimento com as ações extensionistas no ICA, por meio do Sítio Saluzinho. Ressalta a troca de conhecimentos, a interação com as crianças e o repasse dos saberes: “[...] Troca de conhecimento com essas crianças, ver o empenho das crianças [...]. Esse conhecimento que tenho é desde criança, os pais iam passando” (Entrevista nº 5, 2018). Ela sugere a necessidade de melhorias para atrair mais as crianças e destaca como as crianças desconhecem e se interessam pelo meio rural.

Outra agricultora familiar, Entrevistada nº 6, relata que a contribuição do ICA/UFMG para o desenvolvimento local tem sido total; principalmente como fonte de renda. Observa, ainda, que ainda há muitas dificuldades em relação à efetivação de projetos, principalmente pela demora da chegada das verbas. Percebe-se, nessa entrevista, como essas práticas contribuem para o desenvolvimento de atividades que possam gerar fonte de renda para as famílias.

## Os parceiros do ICA/UFMG

O Entrevistado nº 12, Diretor do Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais (IDENE), afirma que possui contato com projetos de pesquisa na área ambiental, social e organizacional, principalmente nas comunidades rurais de Januária e Bonito de Minas. Por meio de relatos dos presidentes das associações e cooperativas que atuam no extrativismo, ele percebe que os professores do ICA/UFMG têm contribuído de forma significativa na sua prática, promovendo a aproximação dos pesquisadores nas comunidades rurais com a prática cultural das lideranças. Há maior aproximação com a realidade local, mostrando-se também, como uma forma de preservar os valores tradicionais das comunidades e inserir tecnologias em suas práticas cotidianas.

O Entrevistado nº 16, que faz parte da diretoria do Instituto de Assistência à

Criança e ao Adolescente Village (ICAVA), afirma que o ICA/UFMG tem parceria com a instituição desde 2002. Na formação deles, a ajuda do colégio (ICA/UFMG) foi essencial, os grupos de extensão sempre auxiliaram como voluntários. Portanto, essa parceria conseguiu tornar possível a realização de projetos e atividades que contribuíssem para o ICAVA no dia a dia. Como exemplo, podemos citar o curso de inglês, que é ofertado por estudantes da UFMG.

O entrevistado ressalta que o envolvimento do ICA/UFMG e instituições/universidades públicas brasileiras com a extensão universitária ainda é bastante tímido, ainda que haja muitas pesquisas, a implementação ainda não é suficiente para atender à região. Por isso, é necessário um maior empenho da academia.

O Entrevistado nº 17, integrante do Movimento, afirma que o Movimento Sem Terra (MST) possui uma boa relação com o ICA, relatando a existência de parcerias com cursos, oficinas e projetos de extensão, qualificando a técnica deles, valorizando o saber popular e promovendo trocas de saberes entre professores e alunos. A parceria entre eles também se mostra importante quando são alinhados às técnicas, o saber e a popular e à agroecologia.

O Entrevistado nº 17 admite, ainda, que o ICA promove debates, cursos, seminários e ações diversas que refletem e discutem sobre os problemas encontrados na região. Para ele ações que debatem a agroecologia como ciência, capaz de aumentar a economia da região e, inclusive, funciona como um meio de defender o meio ambiente e conservar o cerrado, devem ser ampliadas

## Evolução da extensão no período de 2008 a 2017

O Instituto de Ciências Agrárias, no período estudado, 2008 a 2017, ofereceu 2.292 ações de extensão à sociedade, reunindo todos os tipos de ações de extensão (curso, evento, prestação de serviço, projeto e programa) que atenderam aos mais diversos segmentos sociais. A fim de demonstrar a evolução da quantidade de ações extensionistas realizadas pelo ICA/UFMG, segue abaixo a TAB.1, que ilustra a evolução dessas ações no período de 2008 a 2017.

Tabela 1 – Evolução das ações extensionistas do ICA/UFMG, 2008 a 2017

Tipo de Ação	2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016		2017	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
Curso	0	0	51	25	55	16	53	16	29	12	15	7	16	8	22	10	23	10	37	14
Evento	3	12	67	32	131	37	100	31	51	21	37	18	41	20	37	17	58	24	63	23
Prestação de serviço	5	20	30	14	55	16	38	12	23	9	19	9	17	8	21	10	20	8	21	8
Projeto	14	56	55	26	102	29	125	39	127	52	125	59	119	57	114	53	114	48	126	47
Programa	3	12	5	2	10	3	8	2	13	5	15	7	15	7	20	9	22	9	22	8
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>208</b>	<b>100</b>	<b>353</b>	<b>100</b>	<b>324</b>	<b>100</b>	<b>243</b>	<b>100</b>	<b>211</b>	<b>100</b>	<b>208</b>	<b>100</b>	<b>214</b>	<b>100</b>	<b>237</b>	<b>100</b>	<b>269</b>	<b>100</b>

**Tabela 1.** Evolução das ações extensionistas do ICA/UFMG, 2008 a 2017. Fonte: Sistema de Informação de extensão da UFMG – SIEX/UFMG.

Por meio da TAB.1, verifica-se que houve acréscimo de 732% no total das ações oferecidas pelo ICA/UFMG à sociedade de 2008 para 2009. Esse aumento significativo se deu, principalmente, em função do acréscimo das seguintes ações extensionistas: evento (67) e cursos (51), em 2009. Já em 2008, o ICA ofereceu aos segmentos sociais três eventos e nenhum curso. Em relação à ação extensionista evento, houve um acréscimo em termos percentuais de 2.133%, de 2008 para 2009. A ação prestação de serviço teve um acréscimo de 500% do total, de 2008 para 2009; projeto, de 293% e a ação programa teve um percentual de acréscimo de 67%.

Observa-se que, de 2008 para 2009, há uma expressiva alteração quantitativa das ações extensionistas registradas no SIEEX. No ano de 2008, foram registrados 56 projetos e 12 programas.

Na análise do ano de 2010 para 2011, verifica-se uma redução no número de ações extensionistas totais, de 353 (2009) para 324 (2010), representando um percentual de redução de 8,2% do total. Novamente, no ano de 2011 para 2012, em termos gerais, houve uma redução do número de ações extensionistas que passaram de 324 para 243 ações extensionistas no ano de 2012. Essa redução apresentou um percentual de 25%.

Analisando o período de 2012 para 2013, a redução das ações extensionistas ofertadas pelo ICA/UFMG à sociedade continua. Nesse ano, 2013, a redução foi de 13,2%. Apesar de apresentar uma redução bem menor que o período anterior, de 2013 para 2014, houve uma redução de 1,4% do total das ações extensionistas ofertadas aos segmentos sociais pelo ICA/UFMG.

Já na análise de 2014 para 2015, conforme demonstra a TAB.1, retoma-se no ICA/UFMG o crescimento das ações extensionistas em termos gerais, de 208 para 214 ações extensionistas oferecidas aos segmentos sociais, acréscimo de 2,9%.

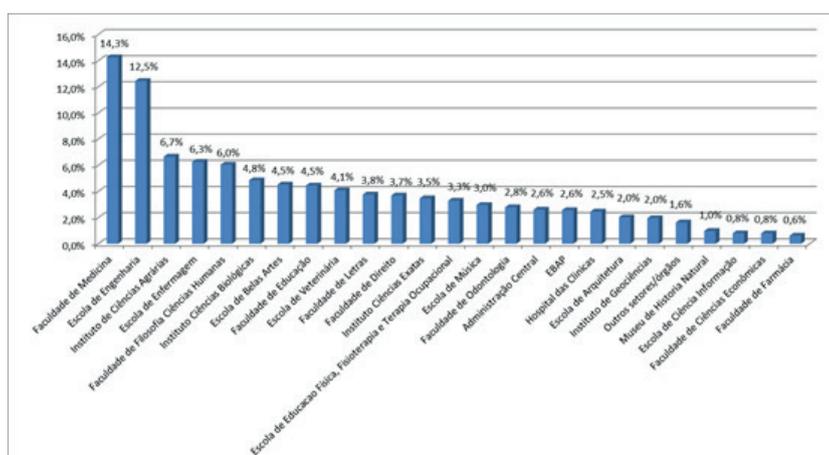
O crescimento continuou do ano de 2015 para 2016. Em 2016, conforme mostra a TAB.1, foram ofertadas 237 ações extensionistas à sociedade pelo ICA/UFMG, representando um aumento de 10,7%. O maior acréscimo ocorreu na ação extensionista evento (57%).

Finalizando a análise anual, do ano de 2016 para 2017 houve novo acréscimo geral, conforme mostra a TAB.1, de 237 ações extensionistas em 2016, o ICA/UFMG ofereceu à sociedade no ano de 2017, 269 ações extensionistas, representando um aumento de 13,5%.

Esta pesquisa evidenciou a existência de diferenças entre os números registrados no Relatório do Perfil das ações de extensão da UFMG em algumas unidades, 2014, em relação a todas as ações extensionistas, conforme demonstrado na TAB. 2.

Tipo de Ação/ Ano	2014	2014
	Nº	Nº
Curso	16	9
Evento	41	36
Prestação de serviço	17	16
Projeto	119	110
Programa	15	12
<b>Total</b>	<b>208</b>	<b>183</b>

**Tabela 2.** Comparação do registro das ações de extensão do ICA no SIEX/UFMG e no Relatório do Perfil das ações de extensão da UFMG em algumas unidades, 2014



**Gráfico 1.** Distribuição das ações de extensão da UFMG pelas unidades acadêmicas e outros órgãos no ano de 2014. Fonte: Relatório do Perfil das Ações de Extensão da UFMG e Algumas Unidades do Ano de 2014.

O Gráfico 1, elaborado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFMG demonstra a distribuição das ações de extensão da UFMG pelas Unidades Acadêmicas e outros órgãos. Por meio do gráfico 1, verifica-se que, em relação ao total geral das ações extensionistas oferecidas aos segmentos sociais pela UFMG, a Faculdade de Medicina ficou em primeiro lugar, com um percentual de 14,3%, seguida pela Escola de Engenharia, segundo lugar, com um percentual de 12,5% do total das ações. Em terceiro lugar, nesse ano de 2014, ficou o Instituto de Ciências Agrárias com um percentual de 6,7% do total das ações.

No período de 2008 a 2017, A abrangência das ações extensionistas do ICA/UFMG ultrapassou as fronteiras do Norte de Minas Gerais e o público atendido está na casa dos milhões. São públicos dos mais variados segmentos sociais (agricultores, produtores rurais, assentados, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos, empresários, carroceiros e outros), conforme consta no SIEX/UFMG.

## DISCUSSÃO

Os resultados encontrados no presente estudo sugerem que, em relação às ações extensionistas e o desenvolvimento regional, o poder público federal e estadual tem investido recursos, ou seja, políticas públicas federais, estaduais voltadas para a região. O problema parece acontecer na esfera municipal. Corrobora com Ortega (2008), que observou os vários problemas no território, principalmente a dificuldade de transformar conselhos em espaço de consenso de interesses que visem à construção de pactos territoriais em busca do desenvolvimento local e a falta de reflexão da própria comunidade sobre os rumos do desenvolvimento.

A Universidade, por meio do ICA/UFMG, tem recebido recursos estaduais e federais, apesar de não serem suficientes, em suas ações de extensão, principalmente projetos e programas, e estas são direcionadas às demandas sociais, o que contraria Chauí (2003), Santos (2011) e Dias Sobrinho em relação a mercadorização da universidade, pelo menos no caso do Instituto.

Há também, por parte dos envolvidos, o reconhecimento de que algumas ações de extensão estão em sintonia com os problemas locais. Por exemplo, a entrevistada nº 7 corrobora o estudo de Carneiro (1985), o qual propõe que a extensão universitária esteja vinculada à solução dos problemas regionais. Ela ressaltou a participação dos discentes da graduação e do mestrado na extensão universitária do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG, e como as demandas apresentadas pelo ICA/UFMG pelos segmentos sociais geram pesquisas.

Outro aspecto levantado com relação as ações de extensão é que a modalidade programa é citada como de relevância. Em seu estudo, Torres (2003), ao investigar o modelo brasileiro de extensão universitária, destaca a natureza contínua dos projetos e dos programas de extensão universitária. Por isso, recomenda que essas sejam as mais relevantes ações extensionistas das universidades públicas brasileiras, em vez de cursos e eventos, que são descontínuos.

A fala da entrevistada nº 3 corrobora o estudo de Torres (2003), o qual denuncia ausência do financiamento da extensão universitária no Plano Nacional de Extensão Universitária (2001). O Plano Nacional de 2012, apesar de abordar a garantia do financiamento da extensão universitária pelo governo, apresenta uma limitação em relação a construção de “[...] indicadores de monitoramento [...]”, previstas pelo Decreto nº 7.233, de 2010 (Política Nacional de Extensão Universitária, 2012, p.28).

Verifica-se que há insatisfação pelos envolvidos na extensão em relação ao público atendido pelo ICA, que parece estar focado mais na agricultura familiar em detrimento de outros segmentos sociais.

Resultados da análise dos programas indicam que, além de buscar a interação entre a universidade e as comunidades rurais, movimento sociais, no processo de democratização da questão agrária, social, política econômica e educacional brasileira, procura contribuir para o desenvolvimento do norte de Minas Gerais, o que corrobora os argumentos utilizados por Augusto, Costa, Brito (2018).

De acordo com a proposta do Programa apoio a agricultores familiares do norte de Minas Gerais em atividades de produção higiene e saúde pública, verifica-se um esforço no que o FORPROEX e a própria Constituição Federal denominam de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Os parceiros do ICA admitem que há projetos que são muito importantes para a região. Contudo, Torres (2003) sustenta que o conceito da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é impreciso, e que os documentos do FORPROEX não apresentam nenhum exemplo de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Gonçalves (2015, p. 1249) afirma que “na acepção estabelecida para a Extensão, a indissociabilidade é compreendida como a vinculação das atividades extensionistas às de formação e às de produção de conhecimento, promovidas pela Universidade”. Assim, a extensão cria um caminho para a relação entre universidade e sociedade, num processo de democratização, para que as práticas de ensino e pesquisa da universidade possam atender aos anseios sociais.

O Entrevistado nº 17 ao relatar a parceria com as ações de extensão do ICA/UFMG corrobora Carneiro (1986), quando esse, ao analisar um conjunto de universidades públicas brasileiras, vincula extensão universitária à solução de problemas regionais.

Na análise da evolução da extensão observa-se que, de 2008 para 2009, há uma expressiva alteração quantitativa das ações extensionistas registradas no SIEX. Três hipóteses foram levantadas para esse cenário: a) possibilidade de algumas ações extensionistas não terem sido registradas no ano de 2008, b) possibilidade do número de professores e alunos ter aumentado do ano de 2008 para 2009, principalmente porque, nesse ano, foram criados 04 novos cursos de graduação, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o que pode ter influenciado o aumento do número das ações extensionistas, c) possibilidade de ações como eventos e cursos estarem concentrados na ação programa, visto que essa ação é a articulação de um conjunto de projetos, que por sua vez, podem envolver cursos, eventos e outras ações.

Nos três períodos em que houve redução das ações extensionistas (2010/2011; 2012/2013; 2013/2014), a hipótese é de que as ações extensionistas eventos e cursos podem ter ficado concentradas nas ações extensionistas programas ou projetos, conforme já citado, apesar de ter ocorrido no ano de 2014 uma redução da ação extensionista projetos, de 125, em 2013, para 119 em 2014 e programas ter mantido a mesma quantidade, 15.

Para os períodos de 2014/2015, 2015/2016 e 2016/2017, em que ocorreram acréscimos nas ações extensionistas, a hipótese é de que o aumento do quadro de servidores em anos anteriores e seu engajamento e envolvimento com a comunidade local, ao lon-

go do tempo, permitiram um atendimento maior das demandas dos diversos segmentos sociais por meio de ações extensionistas como programas e projetos.

As diferenças demonstradas na Tabela 2 já foi estudada por Torres (2003), que identifica problemas nos registros das ações extensionistas das Universidades Públicas Brasileiras.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que o ICA/UFMG está contribuindo para o desenvolvimento regional por meio da extensão universitária.

Foi possível identificar, por meio desse estudo, embora não exaustivo, vários aspectos do ICA/UFMG, sob diferentes perspectivas, como as iniciativas em extensão, as parcerias com os diversos atores, a interação com os segmentos sociais, caminhando em prol do desenvolvimento regional.

A extensão tem sido o carro chefe do ICA/UFMG na ponte com o mundo externo, bem como na teia das relações no ambiente interno. É neste eixo em que as relações universidade-sociedade são fortalecidas e as distâncias encurtadas. Nesse ponto, o ICA parece assumir o seu papel de protagonista com as práticas sociais diversas, que pela sua identidade e competência produz efeitos de transformação na sociedade regional. Cabe aqui ressaltar que as atividades de extensão desenvolvidas pelos docentes, técnicos e discentes têm sido palco de ambiente dialógico e pluridirecional. Essas características marcantes é que fazem a diferença ao ICA. O fortalecimento acontece por meio das atividades de extensão de cunho cooperativo e investigativo nas diversas áreas de conhecimento agropecuário, agroecológico, empreendedorismo e gestão rural, e sócio demográfico.

A atuação do ICA/UFMG em vários campos de interações e a sua relação com diversos municípios da região têm dinamizado transformações qualitativas nos povos que residem na região, fortalecendo o capital social. O compromisso da interação com as comunidades faz parte de sua proposta de estabelecer um vínculo com a sociedade, obtendo essa aproximação universidade-sociedade auxílio a demandas locais, bem como na construção de um conhecimento envolvendo os saberes locais numa ação ativa e participativa dos sujeitos (docente, discentes, sociedade).

Não podemos negar o envolvimento que o ICA/UFMG tem com os saberes locais, bem como no aprimoramento de técnicas e procedimentos que trazem melhorias nos fazeres locais, porém, não podemos, também, deixar de mencionar a sua ausência de participação em várias comunidades rurais.

Apesar de a administração pública federal não garantir um sistema de financiamento necessário e suficiente para que a Universidade, por meio do Estado, possa atender a todas as demandas da sociedade, é por meio dela que a academia pode cumprir suas funções clássicas de ensino, pesquisa e extensão. Tornam-se, então, desafios do instituto:

- 1) Estimular a produção de conhecimento sobre problemas relacionados à região.
- 2) Realizar ações de extensão, articuladas com o ensino e a pesquisa que visem à geração de conhecimento, além da interação com os diversos segmentos sociais, atuando na inovação social, na saúde da população, na cultura local, em tecnologias que visem não somente a novos produtos como a melhorias de processos.

Essas ações abrem potenciais possibilidades de exploração de um imenso campo de atuação conjunta com os atores sociais e a própria administração pública no que se refere ao planejamento do desenvolvimento regional e à execução de políticas públicas, além de ser um fator essencial de dinamização da vida econômica local.

Deve ser preocupação do Instituto estabelecer políticas inclusivas em relação aos segmentos sociais: grandes e pequenas empresas, agricultores familiares, assentados e demais públicos que estão inseridos no território norte-mineiro.

### Limitações da pesquisa

A ausência de dados em função de a Pró-Reitoria de Extensão da UFMG não ter elaborado os relatórios anuais de extensão universitária, no período de 2008 a 2013, tornou-se um fator limitador. Além disso, alguns relatórios elaborados por essa instituição (2014, 2015 e 2016) contemplam somente algumas unidades. O ICA/UFMG só foi contemplado no ano de 2014. A análise da evolução das ações de extensão do ICA/UFMG no período de 2008 a 2017, só foi possível ser realizada por meio do SIEX/UFMG (ações registradas).

### REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. (2000). O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. *Economia Aplicada*, Economia Aplicada, nº número 2, p.379-397.
- AUGUSTO, Helder dos Anjos et al. (2018). A extensão universitária em movimento: o Programa de Desenvolvimento rural e Apoio à Reforma Agrária na Universidade Federal de Minas Gerais, p. 6.
- BARDIN, I. (1974). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 229 p.
- BOTOMÉ, S.P. (1996) *Pesquisa alienada e ensino alienante - o equívoco da extensão universitária*. Petrópolis: Vozes, 248 p.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 292 p.

CHAUÍ, MARILENA. (2003) A universidade pública sob nova perspectiva. Revista Brasileira de Educação, Nº 24, Rio de Janeiro, p.15.

DIAS SOBRINHO, José. (2013) Educação superior: bem público, equidade e democratização . Avaliação Campinas [online], vol.18, n.1, pp.107-126.

CARNEIRO, M.A. (1985). Extensão universitária: versão e perversões. Rio de Janeiro: Presença Edições, 156 p.

CAVALCANTI, C. (2012).Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico--econômica. Estudos Avançados, v. 26, n. 74, p. 35-50.

FAGUNDES, J. (1986) Universidade e compromisso social: extensão, limites e perspectivas. Campinas: Unicamp, 184 p.

FÓRUM de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Plano Nacional de Extensão Universitária. (2001).Ilhéus: Edituas, 65 p.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Sistema de dados e informações e RENEX (REDE NACIONAL DE EXTENSÃO). (2000). In: NOGUEIRA, M.D.P. (org.). Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas. Belo Horizonte: PROEX/UFMG – Fórum, 196 p.

FREIRE, Paulo. (2000) Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, p. 54.

GIL, Antônio Carlos. (1999). Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. (2015) Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 33, n. 3, p.1229–1256.

NASCIMENTO, E. P. (2012). Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. Estudos Avançados. v. 26, n. 74, p. 51-64.

ROMEIRO, A. R. (2012) Desenvolvimento sustentável: uma perspectiva econômico-ecológica. Estudos Avançados, v. 26, n.74, p. 65-92.

SANTOS, B. S. (2011). A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 116 p.

TORRES, B. F. A. Análise e sistematização das proposições sobre a extensão universitária brasileira. (2003). p.206. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa.

TORRES; A.F.B. (2017). Luta discursivo-simbólica na arena acadêmica: análise dos imaginários sócio-discursivos da filosofia universitária brasileira. 2017. f.279. (Tese Doutorado em linguística do texto e do discurso) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

TRIVIÑOS, Augusto N. da S. (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. (2017). Plano de Desenvolvimento Institucional 2013 – 2017. Disponível em [https://www.ufmg.br/conheca/pdi\\_ufmg.pdf](https://www.ufmg.br/conheca/pdi_ufmg.pdf).